

Corpo, memória e moda: a moda afro-brasileira como resistência

Body, memory and fashion: the afro-brazilian fashion as resistance

Leticia Aparecida Maciel Vieira¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4818-8917>

DOI: <https://doi.org/10.26563/dobras.v19i47.1950>

[Resumo] Ao longo das últimas décadas, percebe-se que grande parte da cultura contemporânea se organiza em torno da memória. São notáveis as evidências do passado em diversos espaços do cotidiano. Se anteriormente, a proteção e a salvaguarda teórica da memória estavam restritas a instituições como museus, arquivos ou universidades, hoje, elas se capilarizam por todo o corpo social via veículos de comunicação, mobiliário e moda. Esse fenômeno manifesta relações com o passado em escalas de intensidade distintas, além de fomentar uma cultura histórica reflexiva. Essa organização cultural em torno da memória é consequência de uma temporalidade específica e de um comportamento próprio chamado *Giro Ético-Político*, descrito pelo historiador Marcelo Rangel. Desse modo, buscamos sintetizar como a moda afro-brasileira integra essa mobilização cultural que revisita passados, bem como um comportamento ético-político característico da transição entre os séculos XX e XXI. Para isso, utilizaremos a descrição de temporalidade contemporânea feita por Andreas Huyssen, alinhado ao pensamento de Neusa Santos para delimitar a constituição da cultura brasileira acerca do corpo negro. O objetivo é demonstrar como a moda é um espaço de construção de identidades e memórias.

[palavras-chave] **Memória. Temporalidade. Resistência. Moda afro-brasileira. Walter Benjamin.**

¹ Doutoranda em História na Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: le.ap.maciell@gmailo.com.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3853485051661762>

[abstract] Over the last few decades, it has become evident that a significant portion of contemporary culture is organized around memory, with traces of the past increasingly visible in various everyday spaces. While the protection and theoretical safeguarding of memory were previously restricted to institutions such as museums, archives, or universities, they have now spread throughout the social fabric via mass media, furniture, and fashion. This phenomenon manifests relationships with the past in varying degrees of intensity, while also fostering a reflective historical culture. This cultural organization around memory stems from a specific temporality and a distinct behavior termed the 'Ethical-Political Turn' (*Giro Ético-Político*), as described by historian Marcelo Rangel. Accordingly, this study seeks to synthesize how Afro-Brazilian fashion integrates this cultural mobilization that revisits pasts, as well as an ethical-political behavior characteristic of the transition between the 20th and 21st centuries. To this end, we will employ Andreas Huyssen's description of contemporary temporality, aligned with Neusa Santos's thought, to delineate the constitution of Brazilian culture regarding the Black body. The objective is to demonstrate how fashion serves as a space for the construction of identities and memories.

[keywords] **Memory. Temporality. Resistance. Afro-Brazilian Fashion. Walter Benjamin.**

Recebido em: 13-05-2025.

Aprovado em: 05-04-2026.

Memória, corpo e moda

A memória define-se como uma tarefa, teórica ou prática, pela qual se estabelece uma relação ativa com o passado. A reminiscência não é um processo natural, mas uma construção ativa de relação com passados. Embora tradicionalmente restrita a instituições como museus e o Estado, ela emerge no cotidiano através de rituais e signos que moldam identidades e estreitam laços sociais. Como destaca bell hooks (2014), podemos experimentar afetos fundamentais à constituição da memória em diversos espaços, incluindo aqueles que estão relacionados diretamente ao corpo. Neste sentido, o cabelo, por exemplo, deixa de ser somente um elemento estético para integrar uma rede de afetos que fundamenta a consciência racial e o sentido de coletividade. Assim, o acervo de lembranças transpõe a simples recordação, convertendo-se em uma ferramenta política e social aplicada ao cotidiano. Essa instrumentalização da memória deriva das mudanças na percepção do tempo e fundamenta o Giro Ético-Político contemporâneo.

A moda, portanto, configura-se como um território de interlocução com temporalidades diversas, capaz de tecer afetos que consolidam uma memória ético-politicamente orientada. Nesse sentido, analisa-se a moda afro-brasileira como símbolo de resistência. Seu valor reside na expressão de vivências e ancestralidades que confrontam o "padrão estético branco e hegemônico que não representa a diversidade étnica brasileira" (Santos, 2022, p. 30).

Dessa forma, pretende-se demonstrar como a atividade do lastro histórico é articulado a partir do diálogo com a noção de “Cultura da Memória” de Andreas Huyssen, destacando a experiência atual da passagem do tempo como fator determinante das dinâmicas mnemônicas atuais, articulado ao conceito de “Giro ético-político” discutido pelo historiador Marcelo de Mello Rangel, visto enquanto mobilização real, base para discutir a moda dentro da atual articulação entre memória e política.

Memória hoje: temporalidade e Giro Ético-Político

O zelo pela memória, outrora restrito ao aparato estatal e acadêmico, transcende, hoje, os muros institucionais para se manifestar em múltiplas dimensões do corpo social. De acordo com Andreas Huyssen (2014), haveria uma autorresponsabilização coletiva quanto ao que foi vivido, configurando um posicionamento ético diante da história. Consequentemente, esferas não convencionais passaram a integrar ativamente a produção e as discussões sobre temporalidades distintas. Grande parte desses novos lugares é representada pelos meios de comunicação, cuja ascensão só foi possível graças ao intenso desenvolvimento tecnológico experimentado nas últimas décadas. Esse cenário viabilizou a constituição de novos espaços, com destaque para a indústria do entretenimento — por meio de filmes e séries históricas —, a cobertura jornalística e, por fim, a internet, que inseriu o exercício mnemônico definitivamente no debate público.

Desta forma, lugares menos tradicionais constituem, hoje, importantes ambientes de discussão. Isso significa que, mesmo que estes espaços não operem sob o domínio metodológico científico-acadêmico, eles integram a formação cultural e histórica de modo incontornável. Marcelo Rangel e Marcelo Abreu (2015), fundamentados em Jörn Rüsen, denominam esse fenômeno como Cultura Histórica. Segundo os autores:

Cultura histórica significa um conjunto de âmbitos específicos no interior dos quais se dão a reconstituição e evidenciação (mais ou menos) consciente e incessante de memórias, como o cinema, o teatro, a música, a arquitetura, o ensino de história e a historiografia, por exemplo (Abreu; Rangel, 2015, p. 14).

A cultura histórica é inerente à realidade cotidiana. Ela abrange desde o ensino formal até diferentes linguagens e suportes materiais, a exemplo da moda. Consideramos a prática de vestir como parte integrante da cultura histórica por sua capacidade de articulação temporal, pela maneira como ela conecta e ressignifica distintas dimensões temporais: passado, presente e futuro. Tal base fundamenta um olhar ético e político sobre o ontem, o que permite constituir um saber histórico consistente.

A relação com o pretérito, dimensão fundamental da existência humana, assumiu contornos específicos nas últimas décadas. Sobretudo após os anos 1980, identifica-se uma transformação nas formas de evocar o passado, priorizando o seu papel e a sua utilidade no corpo social. Desta forma, percebe-se o aumento do volume de memórias, em outras palavras, há referências diretas e intencionais do passado de forma constante no cotidiano prático. De acordo com Andreas Huyssen:

[...] as indústrias ocidentais da cultura juntaram um número cada vez maior de passados num presente simultâneo e sempre mais atemporal: modas retrô, móveis retrô autênticos, museologização da vida cotidiana através das câmeras filmadoras, Facebook e outras mídias sociais, reencontros saudosistas de músicos de rock mais velhos, etc. (Huyssen, 2014, p.15).

Este comportamento, nomeado por Huyssen (2014) como “Passados Presentes”, descreve uma tendência mais geral da cultura contemporânea em tornar o passado onipresente. Para Huyssen, essa dinâmica é obsessiva, pois força a presença constante do pretérito na atualidade. A consequência é uma memória superficial e fragilizada, configurando um cenário de esvaziamento da profundidade histórica. Huyssen aponta que seria fundamental a construção de memórias vividas, porque estabelecem um vínculo denso com o real, viabilizando o discernimento crítico entre os tempos e a projeção de possibilidades alternativas para a atualidade e o amanhã. Se a percepção temporal atual promove uma presentificação constante, ela também deriva da aceleração tecnológica. Nesse cenário, a memória torna-se uma ferramenta essencial para a orientação e a estabilização do sujeito na realidade.

Huyssen (2014) compreende o enfraquecimento da memória como consequência de sua mercantilização pela indústria cultural. Nas palavras do autor “o trauma é tão comercializado quanto a diversão, e nem sequer são comercializados para consumidores de memória diferentes” (Huyssen, 2014, p. 17). Sob essa perspectiva, observa-se que o interesse pelo passado ocorre de forma onipresente, na qual, para os consumidores, a natureza do pretérito é irrelevante: seja ele recente ou remoto, redentor ou traumático, o que prevalece é a sua funcionalidade como produto de consumo. Com isso, percebe-se certa apatia em relação à historicidade dessas memórias que passam a ser consumidas sem o cuidado ético adequado.

Nesse mesmo sentido, o autor pondera que essa saturação do passado na realidade imediata nos leva à formação de “memórias imaginadas”, distanciando-nos do ideal de “memórias vividas”. Estas últimas, constituídas com base na experiência, seriam potentes o suficiente para a fundamentação de um comportamento ético-político que, por sua vez, viabiliza a projeção de futuros alternativos às crises econômicas, sociais e ambientais da atualidade.

A compreensão da memória como instrumento de mobilização é igualmente discutida por Marcelo Rangel, sob a égide do ‘Giro Ético-Político’. Tal conceito é definido como uma tendência da historiografia em realizar uma “reflexão cuidadosa do mundo contemporâneo” (Rangel, 2019, p. 29) em relação a grupos minorizados. Na mesma linha, Thamara Rodrigues defende que “fazer história no nosso tempo passa também por um convite para escrever sobre cada um de nós, acolhendo a sutileza de nossas trajetórias singulares, comuns e cotidianas” (Rodrigues, 2021). Neste sentido, o *giro ético-político* é importante por representar a reflexão cuidadosa da temporalidade na qual estamos inseridos, evidenciando outras formas legítimas de Cultura Histórica, como a música e a moda, que atuam como mediadoras de relações afetivas com o pretérito.

Contudo, construir narrativas plurais não deve ser uma atividade estritamente teórica. Desse modo, buscamos ampliar a noção de giro ético-político a atividades e posicionamentos práticos. Neste cenário, a moda ocupa um lugar privilegiado de constituição e mobilização de afetos e temporalidades.

Percebemos, então, duas principais formas de a memória se constituir hoje. Enquanto Huyssen (2014) descreve a presentificação obsessiva do passado no cotidiano — fruto de uma sensibilidade acelerada que busca segurança na indústria cultural —, Rangel (2019) propõe uma mobilização distinta, na qual o posicionamento ético-político torna-se o motor para uma intervenção crítica na realidade. Tais relações não são excludentes, mas coexistem em constante tensão. Diante da necessidade de espaços que cumpram uma função social efetiva para a memória, a moda emerge como um campo privilegiado de investigação e resistência.

Memória, política e identidade

A constituição de uma moda afro-brasileira integra o Giro Ético-Político — um movimento de reflexão e mobilização do presente. Isso ocorre porque tal estética insere-se em um processo de reconhecimento cultural e de visibilidade de narrativas historicamente silenciadas de grupos minorizados na construção da sociedade brasileira.

Existe um empenho reflexivo na moda afro-brasileira voltado à construção de narrativas de si. Esse movimento permite uma atuação ético-política na realidade, algo indispensável para a consolidação de uma memória crítica. A própria noção de *moda afro-brasileira* configura um movimento de caráter reflexivo para pensar como a estética afro-brasileira se desenvolveu ao longo dos anos. Desta forma, buscamos tematizar nesta sessão como a moda, compreendida a partir da temporalidade e espaço de constituição de afetos, pode ser um ambiente de mobilização ética e política na sociedade brasileira.

Narrar a si próprio constitui um processo indispensável à consolidação da memória e da identidade. Nesse sentido, recorreremos à análise de Neusa Santos Souza (1983), que descreve como se formou o imaginário em torno do corpo negro brasileiro ao longo dos séculos. Entender a construção desse imaginário é fundamental, pois ele revela como a sociedade brasileira, em grande parte, se organizou culturalmente e quais identidades e memórias foram possíveis a partir dessa estrutura. Sob essa ótica, a moda reflete tensões socio-culturais, podendo consolidar estruturas hegemônicas ou, inversamente, articular espaços de resistência e pluralidade cultural.

Essa relação entre memória, identidade e o imaginário cultural do corpo negro, encontra na moda um espaço possível para expressão e reflexão. Enquanto elemento saturado de significados histórico-sociais, a moda transcende o reflexo das dinâmicas culturais, estabelecendo diálogos complexos com o passado. É nesse ponto que sua temporalidade se torna relevante, permitindo a compreensão de como os elementos do passado são resgatados, reinterpretados e ressignificados conforme as demandas e desejos de cada época.

Através da temporalidade, a moda se relaciona com passados. Walter Benjamin (2018) entende esta dinâmica como uma eterna repetição do novo, em outras palavras, a reprodução incessante da novidade. Tal processo evidencia a emergência de passados com diferentes graus de visibilidade, tornando a moda um ponto de convergência entre as aspirações do presente e as heranças ancestrais. Sob a ótica benjaminiana, “o que dá o tom [da moda] é sempre o que é mais novo, mas apenas onde este emerge entre as coisas mais antigas, mais passadas e mais habituais” (Benjamin, 2018, p. 103). O autor demonstra a interdependência entre o passado e a contemporaneidade na moda: o novo não emerge como

uma ruptura absoluta, mas como uma produção intrinsecamente vinculada a referências históricas. Essa relação é uma comunicação entre o hoje e o ontem, é traduzida pelo estilista que interpreta e materializa o desejo da época em roupas.

A moda constitui um espaço de afirmação identitária de caráter ambivalente: atua tanto na esfera individual quanto na formação de coletividades, sendo essencial à consolidação de uma memória compartilhada. Embora seja um fenômeno social, a moda também ocorre de maneira subjetiva, refletindo escolhas e preferências individuais. Georg Simmel (2008) analisa a tensão entre individualidade e coletividade, descrevendo-a por meio do conceito de imitação. Segundo ele, a moda surge como um mecanismo de equilíbrio entre o desejo humano de pertencimento social e a necessidade de diferenciação. A imitação, nesse contexto, permite que o indivíduo se alinhe a um grupo, adotando gostos, estilos e comportamentos que refletem as tendências predominantes. Porém, essa mesma dinâmica também satisfaz a necessidade de se destacar, promovendo uma ruptura constante que impulsiona a renovação e a mudança. Nessa perspectiva, Georg Simmel (2008) argumenta que:

[...] é a imitação de um modelo dado e satisfaz assim a necessidade de apoio social, conduz o indivíduo ao trilho que todos percorrem, fornece um universal, que faz do comportamento de cada indivíduo um simples exemplo. E satisfaz igualmente a necessidade de distinção, a tendência para diferenciação, para mudar e se separar (Simmel, 2008, p. 24).

Sob o prisma ético-político, a imitação descrita por Simmel revela a influência da moda na manutenção de discursos de poder. Ao privilegiar padrões homogêneos, a moda promove uma repetição estética que, ao padronizar a aparência do sujeito, acaba por hierarquizar determinadas formas em detrimento de outras. Na cultura brasileira, essa homogeneização, baseada no ideal do corpo branco, como apresentado por Neusa Santos Souza (1983), reflete e reforça estruturas de racismo e desigualdade social. Ao evidenciar a padronização de uma estética, a moda atua como um instrumento de dominação simbólica, silenciando subjetividades diferentes do ideal desejado.

Diferente das relações subjetivas exploradas por Benjamin e Simmel, Peter Stallybrass (2023) investiga a materialidade do cotidiano. Ao vestir-se, o sujeito interage com a roupa não apenas como adorno, mas como um receptáculo mnemônico; para Stallybrass, o tecido é, ele mesmo, o suporte da memória. A roupa porta a memória não apenas pela estética, mas pelas marcas de uso. Tal fenômeno decorre da íntima relação entre corpo e vestimenta, classificada por este autor como *mágica*: “Comecei a acreditar que a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso suor, até mesmo nossa forma” (Stallybrass, 2023, p. 14)

Entretanto, Stallybrass (2023) também tematiza a dimensão subjetiva do vestuário. Para ele, a roupa assume um valor que transcende a forma e a função de uso, adquirindo o que define como a ‘vida da própria roupa’. Ao servirem de “códigos para outras presenças materiais e imateriais” (Stallybrass, 2023, p. 32), as peças tornam-se vetores de comunicação e materialização do desejo de ressignificar a realidade e subverter padrões impostos. Nesse sentido, o autor recorre a Marx para ilustrar essa relação que roupa possui com a mudança e a permanência:

Se é verdade que “a tradição de todas as gerações pesa como um pesadelo sobre o cérebro dos vivos”, foi apenas pela via do despertar dos mortos que as revoluções anteriores se legitimaram a si próprias. A Revolução tinha, antes, surgido em “nomes” e “vestes” emprestados: Lutero pôs a máscara de São Paulo; a Revolução de 1789 e 1814 se “vestiu”, sucessivamente, como a República Romana e como o Império Romano; Dalton, Robespierre, Napoleão “cumpriram a missão de seu tempo em vestes romanas” (Marx, 1963, p. 16 *apud* Stallybrass 2023, p. 53).

Essa descrição se aproxima do que Walter Benjamin (2005) descreve como *constituição de subjetividade a partir da roupa*. A apropriação de determinada estética nesse contexto político é uma atividade prática da memória, vivida e coletivizada, que é capaz de presentificar passados em roupas, potencializar e legitimar a ação no presente pela memória e pelo passado.

Sendo assim, sintetizamos, até aqui, três características que viabilizam a atividade mnemônica na moda contemporânea: a temporalidade, que articula o presente ao repertório histórico; a constituição identitária (individual e coletiva), pautada nos signos que o vestuário oferece; e a relação corpo-objeto, manifesta pela presença material da roupa.

Moda: política e revolução

A moda, aqui, é percebida como espaço de constituição de identidade e memória, tanto no sentido coletivo quanto no individual; nesse contexto, a análise recai sobre a moda afro-brasileira. Compreendida como organização social da aparência, ela é um espaço de resistência e revolução, no que diz respeito à subversão de normas e valores estéticos coloniais, isso porque é um lugar de irrupção do pretérito como ferramenta de intervenção crítica. A existência de uma moda e tendência afro-brasileiras, subverte os valores e signos que estão na base da constituição da sociedade brasileira. Segundo Santos e Vicentini:

a moda afro-brasileira pode ser considerada um fenômeno híbrido da contemporaneidade que agrega, em sua subjetividade, sutilezas das culturas africanas e diaspórica ao receber influência dos movimentos black de resistência afro-americana, mesclando objetos e conceitos que perpassam por outras culturas e que estão sendo ressignificados pelos afrodescendentes brasileiros (Santos; Vicentini, 2020, p. 19).

Neusa Santos Souza (1983) demonstra como o ideal de sujeito na sociedade brasileira foi estruturado sob o paradigma do homem branco. Segundo a autora, “o branco é, foi e continua sendo a manifestação do Espírito, da Ideia, da Razão” (Souza, 1983, p. 5). Tal ideal consolida-se por diversas vias, destacando-se as representações midiáticas — espaços anteriormente discutidos como instâncias de constituição de memórias. Torna-se imperativo, portanto, questionar: como o corpo negro e sua cultura de moda foram representados, historicamente, na mídia brasileira?

Ao analisarem uma reportagem da revista *Veja* sobre a ‘Marcha do Orgulho Crespo’ realizada no ano de 2016, Santos e Vicentini (2020) demonstraram como a mídia brasileira

ainda coloca manifestações negras a espaços que remetem “a algo lúdico e de ‘entretenimento’. E, como todo entretenimento, algo supérfluo” (Santos, Vicentini, 2020, p. 32). A análise das autoras aponta que essa caracterização neutraliza o teor político das manifestações, o que gera, consequentemente, a percepção de que em “modo geral, busca descaracterizar a seriedade do movimento” (Santos, Vicentini, 2020, p. 32). Essa descaracterização do movimento nos aproxima da análise de Neusa Santos, em razão de podermos compreendê-la a partir de uma invisibilização e hierarquização daquilo que se refere ao corpo negro e, aqui, em relação à estética do cabelo afro-brasileiro. Entretanto, mesmo com tal invisibilização, percebemos uma movimentação para que essa representação não se sustente. Embora ocorra a descaracterização de movimentos negros, observa-se uma mobilização crescente para que esses corpos ocupem e sejam representados em espaços midiáticos. Santos e Vicentini destacam que:

A partir de 2015, notamos maior abertura para a participação de modelos negras em capas de revistas de moda de grande circulação nacional, como Vogue, Marie Claire, ID, Glamour e ELLE, entre outras, e também aumentou a circulação do estilo afro em novas propostas de produtos de moda, como roupas, objetos de design e estilo e em diversos segmentos dessa área (Santos; Vicentini, 2020, p. 27).

Evidencia-se, portanto, uma realidade constituída por um movimento de tensão. Embora se observe o silenciamento de técnicas, saberes e estéticas — culminando na marginalização da cultura afro-brasileira em certas esferas —, tais expressões sobrevivem e permanecem vivas de diversas formas. Todavia, esse apagamento não acontece sem consequências. Em seu trabalho, Neusa Santos Souza apresenta alguns depoimentos de pessoas negras no Brasil e, a partir deles, a autora conclui que:

É com desprezo, vergonha ou hostilidade que os depoentes se referem ao “beijo grosso” do negro; “nariz chato e grosso” do negro; “cabelo ruim” do negro; “bunda” do negro; “primitivismo” sexual do negro e assim por diante (Souza, 1983, p. 06).

Na moda não é diferente. A construção da imagem do negro, desde o seu corpo até a sua estética, foi e ainda é colocada em posição de inferioridade ao longo dos últimos séculos. Santos e Vicentini, compreendendo a moda como espaço de legitimação de padrões estéticos, descrevem que o corpo negro é domesticado também pela sua aparência, o que reforça os interesses da classe escravocrata, na visão das autoras: “ao escravizar o povo negro, a sociedade branca brasileira tentou docilizar esse corpo afim de submetê-lo às suas vontades e aos seus caprichos” (Santos, Vicentini, 2020, p. 18). Assim, manter a ideia de *estética ideal* acaba por reforçar esse imaginário na sociedade brasileira.

A inferioridade imposta por esse ideal estético branco ratifica a ordem social vigente. Assim, a produção e reprodução de padrões na esfera da aparência consolidam a moda como instrumento de dominação voltado à manutenção da estabilidade das classes dominantes. Na tese XIV, o Walter Benjamin diz: “A moda tem faro para o atual, onde quer que este se mova no emaranhado de outrora. Ela é o salto do tigre em direção ao passado. Só que ele ocorre numa arena em que a classe dominante comanda” (Benjamin, 2005, p. 119).

Isso significa que o ‘salto do tigre em relação ao passado’, realizado a partir de uma moda que se constitui inserida no contexto de brancura como ideal da sociedade brasileira, sem a autonomia do discurso sobre si mesma, ao invés de ser capaz de constituir uma memória crítica sobre o passado, ela irá atuar como instrumento de permanência e estabilidade dessa classe dominante e, como consequência, essa classe irá dominar o discurso da construção de memória em relação ao corpo negro. Neste sentido, podemos aproximar Benjamin de Neusa Santos Souza, pois, segundo a autora, “todo um dispositivo de atribuições e qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social” (Souza, 1983, p. 20).

Entretanto, na continuação da tese XIV, Benjamin expõe o caráter dialético que permite o que estamos chamando aqui de ‘giro ético-político’; em outras palavras, permite um comportamento ético-politicamente orientado na realidade. O autor diz: “O mesmo salto sob o céu livre da história é o salto dialético, que Marx compreendeu como sendo a revolução” (Benjamin, 2005, p. 119). Desse modo, afirmar uma aparência e uma estética diferente, assume, sob a perspectiva dialética benjaminiana da moda, um caráter revolucionário, que subverte certa ordem da sociedade racista brasileira. Desta forma, compreendemos a moda afro-brasileira como espaço de memória vivida, de constituição de uma relação crítica e autocrítica com o passado, na qual é possível a prática de uma atividade da memória emancipatória, portanto, revolucionária do corpo negro. Conforme Santos e Vicentini:

O termo moda afro-brasileira tem sido utilizado para designar um vestir contemporâneo, que ressignifica tradições, comportamentos e o modo de vida de pessoas negras e não-negras – mas que se identificam com esse estilo no vestir” (Santos; Vicentini, 2020, p. 18).

A moda afro-brasileira configura-se como uma instância de materialização de memórias históricas no tempo presente. Isso porque ela está diretamente relacionada à busca de identidades e tradições diretamente relacionadas ao corpo. Corpo esse importante para a permanência da memória viva, segundo Hanayrá Negreiros Pereira:

E são nesses corpos, cuja subjetividade é retirada, para que sejam entendidos como mercadoria, que as memórias continuam vivas: é através das bocas, dos ouvidos, olhos e mãos negras, que novas epistemologias, mescladas aos saberes antigos, se reorganizam em solo brasileiro e agora também *afro-brasileiro* (Pereira, 2017, p. 119).

Hanayrá Negreiros Pereira, ao tematizar a indumentária e memórias negras no *candôblê*, demonstra os valores simbólicos que a roupa assume nestes espaços de prática religiosa e de coletividade. Isso corrobora a noção de ‘memória vivida’ de Huyssen (2014), compreendida como base fundamental para uma prática mnemônica crítica. Tal exercício promove a interlocução ativa entre as temporalidades, conectando o hoje às heranças históricas e às projeções futuras. De acordo com Negreiros Pereira:

A vestimenta e os ornatos do corpo, usados nos terreiros de candomblé, podem ser evidenciados como peças que ao mesmo tempo cumprem a função de ritual e de adornar o corpo. Como vimos, a memória coletiva da comunidade, herdada de saberes africanos, aglutinada também a influências ibéricas, aos fazeres manuais e os gostos pessoais, são dispositivos para se criar a “memória estética” do terreiro Rendadá (Pereira, 2017, p. 124).

A constituição dessa memória estética, é fundamental para o que chamamos aqui de comportamento *ético-político* na realidade e para a constituição de uma memória crítica, capaz de promover a diferenciação entre o passado, presente e futuro, condição essencial para uma compreensão histórica da realidade. Inserida neste contexto, a moda subverte as noções de permanência e dominação — sejam elas de classe ou raça — e passa a atuar como um campo de abertura para a constituição de contra-narrativas. A compreensão do vestuário com base nessa noção dialética de permanência e revolução é possível ao concebê-lo como espaço de constituição de identidade e subjetividade do sujeito a partir de *elementos de passados*. Cita-se, agora, a tese XIV em sua íntegra:

A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas aquele saturado de tempo-de-agora (*Jetztzeit*). Assim, a antiga Roma era, pra Robespierre, um passado carregado de tempo-de-agora, passados que ele fazia explodir no contínuo da história. A Revolução Francesa compreendia-se como uma Roma retornada. Ela citava a antiga Roma exatamente como a moda cita um traje do passado. A moda tem o faro para o atual, onde quer que este se mova no emaranhado do outrora. Ela é o salto do tigre em direção ao passado. Só que ele ocorre numa arena em que a classe dominante comanda. O mesmo salto, sob o céu livre da história é o salto dialético, que Marx compreendeu como sendo a revolução (Benjamin, 2005, p. 119).

O fio que nos une: autonomia

A memória contemporânea constitui um exercício complexo, tensionado entre a instabilidade temporal e a urgência por novas narrativas e representações. O comportamento do *Giro Ético-político* descrito por Marcelo Rangel (2019) nas ciências humanas vai ao encontro da prática no momento que percebemos o aumento de espaços interessados em constituir e compreender uma nova memória, em contraposição àquela hegemonizada historicamente no Brasil. É evidente que, ainda, há muito para avançar; percebe-se o aumento e o destaque atual da cultura afro-brasileira, entretanto, essa visibilidade ainda é muito menor do que o ideal, visto que a atividade da memória é fundamental à existência e orientação prática no cotidiano.

Refletir e praticar a moda afro-brasileira, especialmente em relação ao corpo negro, é um ato *ético-político* que desafia e desconstrói o discurso hegemônico perpetuado ao longo dos séculos no Brasil. Conforme destaca Neusa Santos Souza (1983), a construção da identidade negra só é possível por meio do rompimento com o “desejo do outro”. Esse processo

de emancipação requer a criação de espaços e narrativas autônomas, consolidadas por meio de um esforço crítico e consciente, voltado à valorização mnemônica e à ressignificação de experiências históricas.

Para além da mera relação entre o agora e o ontem, a memória constitui um dispositivo político de orientação para o futuro. Compreender, valorizar e ressignificar a memória e as experiências históricas não apenas preservam passados e suas tradições, como também permite à reflexão imaginar e construir futuros alternativos. Esse movimento rompe com a hegemonia de uma narrativa única, fazendo emergir a pluralidade da cultura brasileira.

A moda afro-brasileira reflete um simbolismo profundo e uma relação afetiva, dos espaços religiosos às estéticas mais cotidianas, como o cabelo, que, para além da dimensão estética, constitui um elemento central de resistência e identidade. Movimentos como a “Marcha do Orgulho Crespo”, citado por Santos e Vicentini (2020), exemplificam essa mobilização ética e política, sendo possível a partir da evidênciação e da valorização da memória do cabelo crespo no Brasil. Ter orgulho do cabelo crespo é compreender como o ideal de imagem foi historicamente construído no país e reconhecer que a ação daqueles que se distanciam desse padrão transformam sua estética em uma expressão de resistência política.

Ainda assim, na cultura midiática o movimento segue sendo desvalorizado e descharacterizado por sua atuação política, dessa forma, percebe-se também a necessidade de afirmar e reafirmar a estética afro-brasileira no cotidiano.

Em última análise, a moda, enquanto reflexo das tensões sociais e históricas, consolidou-se como um campo de agência crítica. Ao mobilizar narrativas de resistência e reativar memórias, ela transcende a mera relação entre o presente e o pretérito, projetando, portanto, horizontes de emancipação voltados à plena autonomia do corpo negro.

Referências

ABREU, Marcelo; RANGEL, Marcelo de Mello. **Memória, cultura história e o ensino de história no mundo contemporâneo**. História e Cultura, Franca, v. 2, n. 4, p. 7-24, set. 2015.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 99-138.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **Aviso de incêndio**: uma leitura das teses “sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005. Trad. Jeanne-Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2018. Tradução Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão.

DIAS, Warley Souza; MEIRELES, Ildenilson. A dialética da moda segundo Walter Benjamin: fantasmagorias do tempo e redenção histórica. **Revista de Filosofia**, Montes Claros, v. 18, n. 1, p. 108-123, 2019.

HOOKS, bell. **Alisando o nosso cabelo**. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

HUYSEN, Andreas. **Culturas do Passado Presente**: modernismo, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. 116 p.

LOUREIRO, Robson. **Fantasia e memória na sociedade do espetáculo**. Arte Filosofia, Ouro Preto, v. 10, n. 19, p. 172-196, dez. 2015.

PEREIRA, Hanayrá Negreiros de Oliveira. **O axé nas roupas**: indumentária e memórias negras no candomblé angola do Redandá. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Religião, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e da história da historiografia. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v. 13, n. 25, p. 28-46, 2019.

RODRIGUES, Thamara. Quando o povo escreveu: querido lula, um livro-acontecimento. **HH Magazine**: Humanidades em Rede, Mariana, v. 00, n. 00, p. 00-00, jun. 2021. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/quando-o-povo-escreveu-querido-lula-um-livro-acontecimento/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SANTOS, Maria do Carmo Paulino dos; VICENTINI, Cláudia Regina Garcia. Moda afro-brasileira: o vestir como ação política. **Revista dObras**, São Paulo, n. 30, p. 15-38, set. 2020.

SANTOS, Maria do Carmo Paulino dos. **Moda afro-brasileira e design de resistência da luta negra no Brasil**. São Paulo: FAUUSP, 2022. 160 p.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2008. Tradução Artur Mourão.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Bruno César de Almeida. **A metafísica da moda e a organização social da aparência em Walter Benjamin (1892 - 1940)**. 2022. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022.

STALYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Tradução Tomaz Tadeu.

Agradecimentos

Revisora do texto: Victória Luiza Faria Gomes. Licenciada em Letras - Língua Inglesa. E-mail: vfaria.arteduca@gmail.com